

## ATLAS BÁSICO DOS AÇORES



FOLHETIM | 243

Luiz Fagundes Duarte

Nós, os açorianos, temos por hábito, sempre que se trata de trazer para a boca da alma ou para os olhos do mundo os valores mais íntimos da nossa identidade cultural, evocar uma trindade que, se não nos mata, nos traz em constante em sobressalto: mar, vulcões e abalos de terra. E, tremelicadamente, repetimos aquela frase batida do nosso Nemésio: "A geografia, para nós, vale outro tanto como a história". Frase que a Tia Guilhermina da Fajã, apesar de não ser ledeira de Ortega y Gasset, era bem capaz de botar nestas nossas palavras: "a gente somos a gente mais as condições em que nos criámos" (o filósofo espanhol escreveu assim: "El hombre es él y sus circunstancias"; mas, como diria Camilo Castelo Branco em dia em que não estava com grande pachorra para reproduzir por bê-a-bá as suas fontes, 'o leitor dispensa que se lhe dê fielmente traslado das maiúsculas e da ortografia"...

Mas nós, estes mesmos açorianos que somos, cá vamos tentando os efeitos daquela terrível trindade com um monoteísmo que, por muito que o não queiramos, nos acachapa: estamos-nos borrifando para tudo o que seja estudar a fundo o mar que nos cerca, os vulcões que nos fizeram, e os abalos que nos obrigam a agarrar-nos como lapas cadelas a estes calhaus que, ainda nas palavras do nosso Vitorino, fazem de nós gente "de carne e pedra" –por que "os nossos ossos mergulham no mar".

Ou seja: pergunta-se a um açoriano corrente o que queria Vitorino Nemésio dizer com estas metáforas todas – e aquilo que ouvimos é um encadeamento de vulgaridades sem substância (mas com circunstância), que mais não quer dizer do que isto: nós ignoramos, orgulhosamente, a história das nossas ilhas e a história da nossa gente. Que, como já se viu, se confundem no tempo (na história) e no espaço (na geografia).

De onde se poderá concluir que nós, açorianos, somos nós e as nossas circunstâncias – incluindo a ignorância que devotamos a tudo o que seja o nosso património natural e cultural.

E por muito que se tenha avançado com o "Inventário do Património Imóvel dos Açores", com o "Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores", e com o Inventário do "Romaneiro Tradicional das Ilhas dos Açores", entre outros projectos de inventariação, estudo e valorização dos monumentos históricos – naturais e humanos – da nossa identidade cultural, lançados pela Direcção Regional da Cultura desde 1997, a verdade é que desconhecemos quase tudo do que levou à criação de "A Lira", ignoramos o nome do arquitecto da igreja das Quatro RIBEIRAS – e, honra nos seja feita, passamos ao lado do que sejam a Caldeira de Guilhermina Moniz ou os domos traquíticos da Serra de Santa Bárbara.

Para nós, açorianos, é como se as ilhas não existissem.



É por isso que me curvo perante o aparecimento de um novo instrumento de grande importância para acabar um pouquinho mais com a santa ignorância acerca das nossas ilhas. Refiro-me ao "Atlas Básico dos Açores", preparado e publicado por uma vasta equipa do Observatório Vulcanológico e Geotérmico dos Açores, sob a direcção do Professor Victor Hugo Forjaz (um nome que muito honra a universidade portuguesa e o saber que nela se produz), com o apoio financeiro e técnico de um expressivo conjunto de entidades, públicas e privadas.

E embora correndo o risco de o meu amigo Victor Hugo Forjaz me incluir na lista dos "amigos da hora décima" – ao citar Publius Syrus, um escravo-poeta contemporâneo de Júlio César: "decima hora amigos plures quam prima inventit", sentença que traduzida à letra quer dizer "à hora décima encontram-se mais amigos do que à primeira", mas que a Tia Guilhermina da Fajã não diria por menos de um "é à hora do comer que eles se achegam" –, não resisto a acabar este folhetim com um "Hom'haja saúde!" ao autor e editor deste "Atlas Básico dos Açores". E quem não perceber porquê, é fácil: que vá comprar a obra; que a leia. ■